

Os Idosos e o Consumo de Informações pelo *Whatsapp* em Gurupi-TO¹

Flavia Ferreira Leonel FAGUNDES²

Gabriela Pereira MELO³

Alessandra Gomes Duarte LIMA⁴

Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi, TO

RESUMO

O município de Gurupi, localizado no sul do Tocantins, é um polo regional com presença nos setores de comércio e serviços. O desenvolvimento, especialmente no campo educacional, oportunizou o surgimento de empresas que atuam nos sistemas integrados de comunicação com larga utilização da Internet. A telefonia celular, os pacotes de dados para acesso à rede mundial de computadores, os aparelhos *smartphone* cada mais acessíveis, o bom nível de consumo medido por indicadores sociais e econômicos do IBGE, por exemplo, são alguns dos ingredientes que suscitaram as questões que dão vida a este trabalho. Para Innis (2011), “as tecnologias têm um impacto penetrante nas civilizações”, por isso é difícil encetar este estudo sem colocar a tecnologia em lugar de destaque. A pesquisa proposta está imbricada na evolução tecnológica, mas os seres humanos é que serão especialmente observados, não as ferramentas em si. O objetivo é compreender a relação de idosos gurupienses com o *WhatsApp* e com as informações falsas. A internet acessível é um facilitador para que o idoso se integre às redes de comunicação. As características do *WhatsApp* são atrativas, pois oportunizam a criação de grupos por afinidade, sendo útil para manter o contato diário com a família e com os amigos. Assim, é necessário entender como os idosos utilizam essa rede? Como se comportam diante das mensagens que recebem? Conseguem assimilar o que é real separando do que é fantasioso? As pessoas mais velhas estão seduzidas pelas novas ferramentas de comunicação, em especial pelas redes sociais mais populares, tal como o *WhatsApp*, e isso vem alterando comportamentos e estabelecendo novas rotinas. Manuel Castells (2000; 2015) e Pierre Lévy (1999) vaticinaram o que já começou a acontecer: a democratização na conexão, com a rede mundial de computadores cada vez mais acessível a todos e em todos os lugares. Com a internet, as informações passaram a chegar mais rápido e com maior abrangência, embora nem sempre com dados confiáveis, pois a veiculação de conteúdo é aleatória e algumas vezes não identifica a autoria. A internet é a “representante mais importante das tecnologias da informação e comunicação da sociedade em rede” (SILVA; LOPES, 2011). Sobre o funcionamento desta nova sociedade que se formou, Castells (2000) assegura que a transformação é muito mais do que material, ela é cultural e atinge a todos. O aplicativo *WhatsApp* é uma rede social privada que foi criada em 2009, com o propósito de trocar mensagens, vídeos e fotos entre pessoas e grupos. Em 2018, segundo Alecrim (2019), a rede já somava 1,5 bilhão de usuários no mundo. Apesar dos benefícios para a comunicação, também apareceram

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade de Gurupi - UnirG, email: leonel_flavia21@hotmail.com.

³ Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi - UnirG, email: gabrielamelogpm@gmail.com.

⁴ Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi - UnirG, email: aleduarte@unirg.edu.br.

aspectos negativos, como a veiculação de *fake news*. Silva (2017, online) faz referências ao que denomina “industrialização da notícia falsa”. Para este autor, algumas plataformas pagam por cliques, não importando a veracidade do conteúdo. Apesar da discussão sobre o termo *fake news* ser considerado contraditório diante da notícia ser verificável (BELLINI; SANTOS, 2021), considera-se para este estudo que “*Fake news* é referida como informações criadas com objetivos escusos sem, necessariamente, ter compromisso com a realidade – uma forma de desinformação”. (BELLINI; SANTOS, 2021, p.20). O médico gerontólogo francês Jean-Auguste Huet criou o termo ‘Terceira Idade’ e estudou os novos padrões de comportamento de uma geração que envelhece ativamente (SILVA, 2014). Segundo Stuart-Hamilton (2002), alguns autores dividem os adultos mais velhos em idosos jovens e idosos velhos. Há referências que indicam que “idoso jovem” está entre 60 a 75 anos, e a partir dessa idade refere-se como “idoso velho”. São vários rótulos sobre o envelhecimento, podendo ser tanto mentais quanto físicos. Estes aspectos são medidos pela “idade biológica” e pela “idade psicológica” (STUART-HAMILTON, 2002). A determinação de que o “idoso jovem” era mais indicado para a pesquisa veio reforçada pela ideia da autonomia física/psicológica, no caso, pessoas que não dependessem de cuidados de terceiros e que usassem o celular com mais familiaridade. Outro aspecto é a capacidade de aprendizado para o manuseio de equipamentos eletrônicos. Pasqualotti (2004) defende a utilização dos computadores como método de aprendizagem e socialização dos idosos, mas alerta para a necessidade de integrar os conceitos de razão e emoção, entende que os idosos estão em um ambiente de aprendizagem sobre as ferramentas e mídias. A aprendizagem a que se refere é a primeira etapa que o idoso desenvolve para interagir, criar, comparar, discutir e até rever o que recebe como informações pela rede mundial de computadores, mais especificamente pelo *WhatsApp*. Nos aspectos metodológicos, a pesquisa se classifica como qualitativa quanto à natureza dos dados, e descritiva quanto aos objetivos. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas por meio de um roteiro estruturado. O estudo foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UnirG, aprovado sob Parecer Consubstanciado CAAE nº 18437719.7.0000.5518. Foram analisadas as categorias de informação: (i) apresentação pessoal (sexo, idade, condição social, escolaridade); (ii) uso do *WhatsApp* propriamente dito (frequência, finalidade, grupos, mensagens). Sobre os caminhos para realizar a análise de conteúdo, foram considerados os ensinamentos de Moraes (1999). Ele reforça a ideia de que é preciso atuar na: preparação das informações; unitarização dos conteúdos; classificação das unidades em categorias; descrição; e interpretação. De acordo com o IBGE, censo de 2010, Gurupi tem aproximadamente 4.660 pessoas com idades entre 60 e 75 anos. Deste universo, foram entrevistadas 30 pessoas, pouco menos de 1%. A primeira categoria analisada contém informações sobre as pessoas entrevistadas. Dentre os 30 participantes, 21 são mulheres. A maioria - 40% - está na faixa etária entre 66 e 70 anos; o segundo maior percentual (30%) é dos mais ‘jovens’: entre 60 e 65 anos. A faixa salarial que prevalece (40%) é a intermediária, que ganha entre três e cinco salários mínimos. Pouco mais da metade dos entrevistados (53%) tem formação básica e ensino fundamental incompleto; somam 33% os que possuem 3º grau e pós-graduação. Os analfabetos ficaram de fora deste estudo. Dos entrevistados, 24 (80%), afirmam que não conferem a origem da mensagem, e dizem que agem assim porque não têm interesse (22 entrevistados) em verificar quem produziu o conteúdo. Essa resposta denota ou confiança na pessoa que repassa a mensagem para o idoso, ou pela falta de consciência sobre as *fake news* e os prejuízos que estas vêm causando neste novíssimo processo comunicacional. “[...] as pessoas confiam primeiramente no próprio

juízo das fontes e da mensagem para atestar a veracidade de um conteúdo” (TANDOC et al., 2017 *apud* DELMAZO; VALENTE, 2018, p.158). Com tantas informações circulando livremente, nem mesmo os que têm mais intimidade com as redes sociais conseguem determinar com precisão o que é verdadeiro ou falso de imediato. Pouco mais de 16% dizem conferir a origem da publicação. Em seguida, a pesquisa quis saber se o entrevistado já repassou mensagens sem ter certeza se eram verdadeiras. Entre o ‘sim’ e ‘algumas vezes’ somam 21 respostas, ou seja, 70%. A questão seguinte complementa: por que motivo o idoso repassou a mensagem adiante? Os 21 entrevistados dividiram as respostas: seis disseram achar interessante o conteúdo e por isso repassaram; três afirmaram que não chegaram a pensar se era verdadeiro ou não; seis confirmaram que agiram assim simplesmente para passar adiante a mensagem; quatro acreditaram que o que estava ali era verdade; e dois porque imaginaram que passando à frente alguém poderia dizer se aquilo era verdade ou não. Fialho (2001) *apud* Souza e Sales (2016) destaca a perda da capacidade cognitiva. Existe o que ele chama de “déficits sensorio-motores”. Estas deficiências naturais interferem, segundo Fialho, na capacidade de “transformar, organizar, selecionar, reter e interpretar determinadas informações” (FIALHO, 2001 *apud* SOUZA; SALES, 2016, p. 137). O estudo de Fialho ajuda a entender o comportamento dos idosos, especialmente pelas respostas dadas a essa indagação. As deficiências naturais, que redundam na perda de algumas capacidades, interferem no comportamento devidamente percebido. Todos, reconhecem que têm dificuldade para desenvolver determinadas atividades na internet, como a pesquisa em sites especializados que identificam as *fake news*. “Falta conhecimento”, responderam 16 dos 30 entrevistados. A percepção fragilizada pela saúde e a reduzida capacidade de reter informações concorrem para o quadro. Ficou constatado que os idosos consideram a internet algo necessário para contatar os familiares e para interação social. Observou-se, ainda, que a palavra *fake news* é conhecida da maioria dos entrevistados, porém não significa que eles sabem quais mensagens são verdadeiras. A maioria não se preocupa em saber quem produziu os conteúdos. Parte do problema está na dificuldade que estas pessoas têm para checar tudo que lhes chega pelos grupos, e isso evidencia a vulnerabilidade, mas também mostra que muitos idosos não sabem como verificar a veracidade ou não de uma informação, mostrando a necessidade de foco em iniciativas de inclusão digital e educação midiática para esse grupo etário. É preciso melhorar o entendimento que se tem sobre as *fake news* de uma forma geral e, mais do que isso, é preciso criar mecanismos que ajudem as pessoas da terceira idade neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake News*; *WhatsApp*; Idosos; Gurupi.

REFERÊNCIAS

ALECRIM, E. **Dez anos de *WhatsApp*: como o serviço de mensagens conquistou o mundo.** Disponível em: <<https://bit.ly/307Wkrk>>. Acesso em: 27 fev.2019.

BELLINI, B.; SANTOS, M. **A credibilidade jornalística no cenário da desinformação em revistas científicas da área comunicacional.** In: Marli dos Santos, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer. (Org.). *Desinformação e fact-checking: reflexões sobre a credibilidade no jornalismo e as experiências de checagem no Brasil* [E-book]. Goiânia : Cegraf UFG, 2021. P. 13-34. Disponível em: < https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/desinformacao_miolo.pdf>. Acesso em: 11 abril. 2022.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C.L. **Fake News nas Redes Sociais Online: Propagação e Reações à Desinformação em Busca de Cliques**. *Media & Jornalismo*, Lisboa, v.18, n.32., abr.2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZWtGD2>>. Acesso em: 19 nov 2019.

INNIS, H. **O viés da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PASQUALOTTI, A. **Pessoas idosas, cérebro e computador: ambientes de aprendizagem e os processos de conhecimento/aprendizagem**. In: *Envelhecimento Humano: desafios e perspectivas*. Org. Adriano Pasqualotti; Marilene R. Portella e Luiz Bettinelli. Passo Fundo: UFP Editora, 2004.

SILVA, E. L.; LOPES, M. I. **A internet, a mediação e a desintermediação da informação**. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação* – v.12 n°.2, 2011.

SILVA, C. E. L. da. **Morte e vida da imprensa**. In: *Da pós-verdade ao risco da pós-imprensa*. Observatório da imprensa. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2OjVXhy>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

SOUZA, J. J. de; SALES, M. B. de. **Tecnologias da Informação e Comunicação, smartphones e usuários idosos: uma revisão integrativa à luz das Teorias Sociológicas do Envelhecimento**. *Revista Kairós Gerontologia*, pp. 131-154. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2016.

STUART-HAMILTON, I. **A psicologia do envelhecimento uma introdução**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.